



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**SHEYLANE OLIVEIRA DA COSTA**

**REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA E SIMBÓLICA DO**  
**CRISTIANISMO**

**SÃO BERNARDO**

**2023**

**SHEYLANE OLIVEIRA DA COSTA**

**REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA E  
SIMBÓLICA DO CRISTIANISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia  
da Universidade Federal do Maranhão, como  
requisito final para a obtenção do título de  
licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Josenildo Campos  
Brussio

**SÃO BERNARDO**

**2023**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Costa, Sheylane Oliveira da.

REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA E SIMBÓLICA  
DO CRISTIANISMO / Sheylane Oliveira da Costa. - 2023.  
25 f.

Orientador(a): Josenildo Campos Brussio.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade  
Federal do Maranhão, São Bernardo, 2023.

1. Cristianismo. 2. Jesus. 3. Judaísmo. I. Campos  
Brussio, Josenildo. II. Título.

**SHEYLANE OLIVEIRA DA COSTA**

**REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA E  
SIMBÓLICA DO CRISTIANISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia  
da Universidade Federal do Maranhão, como  
requisito final para a obtenção do título de  
licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Pof. Dr. Josenildo Campos Brussio (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Washington Tourinho Júnior  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Frabécio Tavares de Moraes  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Dedico este trabalho, em primeiro lugar a Deus, que me guiou e me deu coragem e sabedoria para chegar até aqui. Em segundo lugar ao meu avô que sempre acreditou em mim, juntamente com meus pais e familiares. Dedico também aos meus amigos que sempre me apoiaram e me deram forças. E ao meu orientador que me ajudou e me conduziu até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Finalizar este trabalho não foi fácil, no entanto tornou-se possível. Com esforço e persistência, também com a ajuda fundamental do meu orientador e de tantas outras pessoas que me deram força e que acreditaram em mim durante todo meu percurso na graduação. Sou grata a Deus, por me permitir concluir esta etapa e realizar esse sonho.

Grata também aos meus pais: Sheila e Heliton, ao meu avô Francisco Marques (em memória), as minhas avós Albertina e Rosa e a todos os demais familiares que sempre acreditaram em mim e sempre souberam que eu conseguiria.

Agradeço também as minhas amigas: Iara, Joice, Eliza e a todos os outros que me acompanharam desde que optei por iniciar essa caminhada. Sou grata também aos meus amigos: Isaias e Tanandra que estiveram comigo desde o início do curso e tornaram todo o percurso mais fácil e mais leve. Meu muito obrigada também aos amigos que conheci durante a jornada e que mesmo que não saibam, foram fundamentais para que eu pudesse chegar a este momento.

Obrigada a todos pelos incentivos, motivações e pelas diversas vezes em que vocês acreditaram em mim, mesmo quando nem eu acreditava.

Agradeço também ao meu orientador, professor Josenildo que foi fundamental no processo de construção deste trabalho. Obrigada, pelo acolhimento, pela força e pela dedicação que teve.

# REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA E SIMBÓLICA DO CRISTIANISMO

Sheylane Oliveira da Costa<sup>1</sup>

Josenildo Campos Brussio<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma reflexão sobre como o Cristianismo se constituiu em uma representação simbólico-religiosa dominante a partir de premissas judaicas reinterpretadas por Jesus e em seguida difundidas por seus discípulos pelos quatro cantos do mundo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter analítico e descritivo, na qual utilizamos as análises do historiador das religiões Mircea Eliade como fonte primordial para as nossas reflexões, além de estudiosos como Christopher Dawson e Max Weber.

**Palavras-chave:** Judaísmo. Jesus. Cristianismo.

## 1 INTRODUÇÃO

O Cristianismo se consolidou a partir de premissas judaicas reinterpretadas por Jesus e em seguida difundidas por seus discípulos pelos quatro cantos do mundo. A base da pregação cristã se funda tendo como pilar a idealização de paraíso onde o homem terá uma vida perfeita após a morte terrena, caso siga aquilo que foi ensinado por Cristo e pregado pela igreja até os dias em que se segue.

A idealização de uma vida perfeita sustenta a estrutura moral da religiosidade cristã, o homem é a criação mais sublime de Deus, sua imagem e semelhança, porém, o mesmo homem é um ser imperfeito que vive num mundo impuro e necessita das leis divinas para seguir uma vida de plenitude e alcançar a eternidade e perfeição no reino dos céus.

Por meio desse contexto, a religião cria a figura de um salvador que sofre por todos para salvá-los. Perante o sofrimento, Jesus morre e ressuscita garantindo felicidade aqueles que nele acreditam. “O Deus ressuscitado assegurava a recuperação da felicidade neste mundo ou a garantia de beatitude no vindouro” (WEBER, 2015, p. 16).

---

<sup>1</sup> Graduanda do oitavo período do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão.

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012). Professor Associado I do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da UFMA/Centro de Ciências de São Bernardo. Coordenador do GEPEMADEC (Grupo de Estudos em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura) e do LEI (Laboratório de Estudos do Imaginário).

Assim como boa parte das religiões de salvação, o Cristianismo fundamenta-se no conceito de beatitude, isto é, na existência de plenitude ligada a uma experiência com Deus. Essa conexão entre homem e divindade está presente na figura da Trindade Santa (representada por Deus que é Pai, Jesus que é filho e o Espírito Santo), da vida após a morte (ressurreição de Jesus) e das simbologias adotadas pela igreja desde sua fundação (aqui serão destacados a água e a vela, como símbolos do batismo, e o pão e o vinho, como símbolos da eucaristia).

No que tange ao referencial teórico, buscou-se focalizar a nossa análise em três autores principais: Mircea Eliade (1991; 2011; 2018), Christopher Dawson (2014; 2018) e Max Weber (2015) que dedicaram algumas de suas obras à interpretação do Cristianismo e sua difusão em diferentes territórios do mundo tornando-se, dessa forma, uma cultura religiosa.

Metodologicamente, neste trabalho, recorre-se a pesquisa bibliográfica, de caráter analítico e descritivo, utilizando essencialmente obras como *História das Crenças e das Ideias Religiosas \*II* (volume 2) de Gautama Buda ao triunfo do Cristianismo (2011), *O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões* (2018), de Mircea Eliade; *A Formação da Cristandade* (2014) de Christopher Dawson; *Sociologia das Religiões* (2015) de Max Weber; e a *Bíblia* como embasamento teórico da pesquisa.

Assim, na primeira seção, destacamos um pouco do “broto” ou origem da Igreja Cristã<sup>3</sup> no ocidente e como ela construiu suas bases sólidas ao longo dos séculos, enfatizando os primórdios da religião cristã iniciada por Jesus e, em seguida, propagada por seus discípulos no território romano. Aqui se destaca seu surgimento “oficial” a partir do dia de Pentecostes onde os apóstolos recebem do Espírito Santo o dom de falar em várias línguas, que conseqüentemente facilita a disseminação das palavras de Cristo.

Na segunda seção, trazemos o olhar do historiador Christopher Dawson (2014; 2018) sobre o Cristianismo enquanto cultura que se instala na Europa e se perpetua de modo a estabelecer novos hábitos e torná-los padrões de comportamento para seus adeptos, pois, de acordo com Dawson, “[...] o cristianismo, mais que qualquer outra religião, é caracterizado por uma doutrina de renovação espiritual e regeneração. Pretende a restauração e a renovação da natureza humana em Cristo” (2018, p. 179).

Desta forma, as práticas culturais devem estar interligadas à religiosidade, já que é a cultura quem dita o comportamento humano (terreno) e a religiosidade é o guia para o mundo

---

<sup>3</sup> Ao usar o termo “Igreja Cristã”, trata-se do catolicismo enquanto religião, pois o momento abordado até aqui antecede a Reforma Protestante.



espiritual, onde a humanidade se encontrará com o pai. Contudo, isso só pode ocorrer se suas condutas terrenas estiverem em concordância com o modelo religioso.

Por consequência, destaca-se o matrimônio como um exemplo basilar de prática religiosa que após sua adoção pelo Cristianismo é transformado em sacramento pela Igreja Católica e passa a ser um elemento fundamental na vida da comunidade religiosa, de modo que é através do casamento que o ato sexual deixa de ser puramente carnal e perde o sentido de banalidade.

Na última seção, utilizando Weber, destacamos a dominação exercida pela Igreja por meio da “imagem carismática” de Jesus e também a simbologia adotada por ela como forma de transformar a religiosidade numa linguagem “universal” fazendo com que seus seguidores permaneçam no caminho apontado pela religião a partir da prática sacramental. Destarte, os símbolos que se pretende enfatizar são basicamente os sacramentos do catolicismo, como o batismo e a eucaristia, em que cada um exerce certa função para o encaminhamento da vida religiosa.

## **2 PENTECOSTES: BROTO DA IGREJA CRISTÃ**

Para que se possa entender a origem do Cristianismo é necessário compreender o que é o Pentecostes. Na obra *História das Crenças e das Ideias Religiosas, segundo volume* (ELIADE, 2011), encontramos, que no judaísmo, o Pentecostes é uma festividade celebrada para comemorar o dia em que Deus entregou as Tábuas da Lei para Moisés, entretanto, no Cristianismo essa data ganha um novo significado. Celebra-se Pentecostes como o dia em que o Espírito Santo se apresentou aos apóstolos de Jesus e deu a eles o dom de pregar o Evangelho e realizar “milagres”.

Esta data é comemorada cinquenta dias após a Páscoa quando Jesus não mais estava na presença de seus apóstolos. Eliade (2011) descreve: “no dia de Pentecostes, nasce a Igreja cristã. Somente depois de terem recebido o Espírito Santo os apóstolos começam a pregação do Evangelho e obram numerosos ‘prodígios e sinais’ (BÍBLIA, Atos, 2:43)” (p. 300). A partir desse acontecimento relatado na Bíblia, os apóstolos e seguidores de Jesus Cristo passam a levar a palavra para diferentes povos com o intuito de trazer mais pessoas para trilhar o caminho de Cristo e fazer parte do reino de Deus anunciado por ele.

A Igreja constituída pela efusão do Espírito Santo no Pentecostes como fora prometido por Cristo Ressuscitado, no entanto, era instrumento do Reino em um

sentido especial, visto que era o corpo de Cristo e nela e por ela que Jesus estabeleceu seu Reino na Terra (DAWSON, 2014, p. 174).

O nascimento da igreja cristã ocorre de forma mais complexa. Inicialmente é atribuído ao Pentecostes, pois nesse dia os discípulos receberam o dom de Deus por meio do Espírito Santo, mas Jesus em sua estadia terrena já havia começado este trabalho ressignificando as escrituras judaicas a partir de suas pregações e forma de interpretação da lei.

No trecho bíblico em que ele isenta uma mulher de ser apedrejada, ocorre uma ressignificação da palavra, já que a lei autorizava o apedrejamento como punição. Mas se o adultério é pecado e deve ser punido, os outros pecados também não são dignos de punição? A perspectiva de Jesus traz exatamente esse novo entendimento dos atos humanos. Neste trecho, ele demonstra que não existe um único pecado digno de condenação, mas todas as práticas pecaminosas são beneméritas do mesmo fim, entretanto, Jesus traz também a possibilidade do arrependimento e com o arrependimento o perdão.

<sup>10</sup>E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? <sup>11</sup>E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais (BÍBLIA, João 8, 10-11).

Destaca-se aqui que as pregações de Jesus Cristo dirigidas às multidões possuíam sempre o mesmo objetivo: converter os pecadores e levá-los a uma nova crença que conseqüentemente resultaria, tempos depois, em outra religião baseada no judaísmo. Enquanto esteve presente, Jesus preparou seus apóstolos para que após sua partida dessem continuidade às pregações que ele mesmo já iniciara. O Cristianismo pode ser visto assim como uma nova interpretação do judaísmo.

Dessa maneira, questiona-se: o Cristianismo nasce de um mito? A resposta mais contundente seria dada a partir da explicação do que é um mito e após tal explicação pode-se analisar como ocorre, segundo o livro sagrado cristão, o nascimento dessa nova religião espelhada e remodelada a partir do judaísmo. “O mito descreve as diversas e dramáticas irrupções<sup>4</sup> do sagrado no mundo” (ELIADE, 2018, p. 86).

Não se pode negar a importância da compreensão do mito para Mircea Eliade (2019) como “uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (p. 9). Sem dúvidas, o historiador das religiões entende os mitos por uma perspectiva histórico-religiosa, capaz de revelar os fenômenos da cultura, mas que antes “conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento

---

<sup>4</sup> No contexto aqui trabalhado, representa a presença de Jesus entre a humanidade ou as diversas vezes em que o Espírito Santo veio até os homens.

ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’ [...] É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser” (ELIADE, 2019, p. 10).

Como se vê para Mircea Eliade (2019), os mitos reatualizam os eventos fabulosos da história da humanidade. Acontecimentos ou fatos históricos, míticos, fantásticos, imemoráveis, são evocados constantemente no tempo presente, isto, é, o indivíduo evoca a presença dos personagens dos mitos e torna-se contemporâneo deles. Assim o homem deixa de viver no tempo cronológico, passando a viver no Tempo primordial, no Tempo em que o evento teve lugar pela primeira vez. “É por isso que se pode falar no ‘tempo forte’ do mito: é o Tempo prodigioso, ‘sagrado’, em que algo de novo, de forte e de significativo se manifestou plenamente” (ELIADE, 2019, p. 18).

Por essa acepção do “tempo prodigioso” como tempo forte do mito, buscamos compreender a importância mítica de Jesus Cristo para a concretização do Cristianismo. Jesus veio ao mundo e esteve entre os homens, como a Bíblia afirma. Em toda sua trajetória buscou converter os homens, trazê-los para o reino de Deus e o fazia por meio de suas pregações mas não tinha o objetivo claro de fundar uma nova religião. A igreja cristã vai nascer da atividade realizada pelos discípulos que pregavam a nova interpretação religiosa de Jesus. O que Ele pretendia, pode-se dizer que era unicamente levar a humanidade ao reino do Pai (antes, restrito ao povo de Israel).

São vários mitos em torno da fundação desta nova religião. O Pentecostes é, definitivamente, o que narra o começo da igreja; contudo, existe um conjunto de histórias a respeito de Jesus que o projeta no universo daquilo que, hoje, é considerado mito.

Os mitos que projetam Jesus de Nazaré num universo de arquétipos e figuras transcendentais são tão “verdadeiros” quanto seus gestos e palavras: esses mitos confirmam, de fato, a força e a criatividade de sua mensagem original. É, aliás, graças a essa mitologia e simbologia universais que a linguagem religiosa do Cristianismo se torna ecumênica e acessível para além do seu foco de origem. (ELIADE, 2011, p. 296)

Conforme explica Eliade, as histórias dos evangelhos narram diversos prodígios realizados por Jesus como curar enfermos, ressuscitar mortos, andar sobre as águas, multiplicar alimentos e etc. Tais acontecimentos lhe transformam em um ser “mágico” que podia operar obras nas quais os homens comuns eram incapazes. São essas histórias que o tornam diferente e o aproximam cada vez mais de um mito. Jesus é o Filho de Deus e essa característica confere a ele “poder” para realizar ações em nome do Pai e da fé, todos esses acontecimentos eram verdadeiros milagres.

Outro detalhe importante da pregação de Jesus é a fé. A partir do uso desta, seus discípulos também poderiam realizar atos como os Dele. No Evangelho de Mateus está escrito: “Ele respondeu: [...] se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: ‘vá daqui para lá’ e ele irá...” (BÍBLIA, Mateus 17, 20). A Fé é, assim, o alimento da crença.

É por meio da fé que Jesus prega o evangelho seguindo o preceito da salvação, a fé opera milagres e é ela também a responsável pela conversão. Os homens acreditam na palavra pois ela lhes garante que serão salvos tendo fé e assim poderão alcançar o reino divino. Entretanto o próprio Jesus, em suas evangelizações, deixa claro que a fé não era o suficiente; é necessária, mas não menos importante. Ele ressaltava a relevância do arrependimento como, por exemplo, foi citado no caso em que ele perdoa os pecados da mulher “vai-te e não peques mais”.

A ideia de fé, no Cristianismo, está fortemente ligada a busca pela salvação, pela morada no paraíso juntamente ao Pai. Este paraíso, conforme Jesus e seguidamente seus discípulos ensinavam, é um lugar onde não existe impureza. Logo os homens desligam-se da carne e passam a crer no espírito. De acordo com Dawson, “ao final o reino deverá ser restaurado quando as pessoas deixarem de confiar no homem ou no auxílio do “braço da carne” e depositarem sua confiança no poder de Iahweh e na sua salvação” (2014, p. 159). É essa crença que impulsiona a entrega cristã. Jesus fez-se carne e habitou entre os homens e durante o período em que esteve presente, não cedeu às suas “ilusões”.

As imagens que projetam a figura de Jesus e o Cristianismo difundem-se pela oralidade, por meio da linguagem, as palavras e os atos de Jesus são repassados a outros povos praticantes de outras religiões e adeptos de outras línguas. Entretanto, é por meio dos discípulos e de suas falas a respeito de Cristo que estas outras culturas estrangeiras passam a conhecer a Deus, o Deus que antes estava restrito ao conhecimento de Israel – seu povo escolhido.

A fala, e não a lança ou a pá, é a força que cria a cultura humana. A invenção da língua foi o primeiro passo no processo que conduziu à civilização, e nenhuma das invenções humanas subsequentes - a agricultura e a domesticação dos animais, o uso dos metais e a descoberta da escrita, a construção da cidade e do Estado – ainda que importantes, podem ser comparadas com esse arquétipo e fonte de toda a atividade cultural (DAWSON, p. 119, 2014).

O desenvolvimento da fala, conforme Dawson (2014), é a força motriz do progresso da religião cristã. O Cristianismo se expande pela linguagem oral, Jesus inicialmente fala com as multidões juntamente aos seus discípulos, em seguida, estes propagam os ensinamentos deixados por Ele para outros povos e culturas. Não é sem motivo que, no Pentecostes, *descem*

*do céu línguas flamejantes*. Seu significado denota a disseminação de uma cultura religiosa nascente e que se espalha por meio da oralidade.

Os ensinamentos de Cristo estavam sempre fixados nesses pilares: fé, arrependimento e a promessa de salvação – a habitação no reino eterno. Sua evangelização tinha um público geralmente bem definido, a quem ele costumava ensinar em locais públicos e seu discurso era realizado utilizando meios didáticos, isto é, as parábolas para que aqueles que o ouvissem, pudessem compreendê-lo e assim crer e aderir seus princípios.

Não se pode olvidar, nessa perspectiva, do caráter pedagógico da propagação do Cristianismo que se ratifica tanto pelo caráter mítico da atuação de Cristo no plano social, quanto da potencialização narrativa, conferida pela oralidade e transmissão dos eventos e fenômenos, decorrentes das ações de Cristo, pela linguagem.

É relevante aqui ressaltar que aderir aos princípios cristãos significa passar a comportar-se como Jesus, isto significa praticar aquilo que por ele é tido como o bem, que ele denomina bem aventuranças.

<sup>3</sup>Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; <sup>4</sup>Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; <sup>5</sup>Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; <sup>6</sup>Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; <sup>7</sup>Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; <sup>8</sup>Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; <sup>9</sup>Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; <sup>10</sup>Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; <sup>11</sup>Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa (BÍBLIA, Mateus 5:3-11).

Para o Cristianismo, mais importante do que só buscar os ensinamentos, é praticá-los, a parte mais difícil. Assim, segundo a pregação de Cristo, viver a palavra na prática é entregar-se a fé tendo a esperança de que todo sofrimento ocorrido neste mundo, se baseado nos ensinamentos equivale a vida ao lado de Deus, isto é, no paraíso.

É, após a subida de Jesus que os discípulos passam a propagar os ensinamentos deixados por Ele. “Pedro pede aos judeus que se arrependam e que cada um deles seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos seus pecados” (ELIADE, 2011, p. 300). Em seguida, passam a orientar os pagãos em diferentes lugares e a partir disto começam a nascer as primeiras comunidades cristãs.

Sucedendo a Pedro, tem-se Paulo<sup>5</sup>, um dos mais importantes evangelizadores cristãos que a história dessa religião pôde conhecer. É a partir de sua experiência absorva que ele passa a reconhecer Jesus tal como o verdadeiro filho de Deus. E, em seus sermões ele instruía o caminho da salvação por meio da identificação com Jesus. É Paulo quem leva a palavra de Cristo a lugares distantes, depois de sua experiência com Jesus ele converte-se e toma para si a missão de converter outros povos.

Paulo foi um dos maiores responsáveis pela difusão da igreja cristã, sua trajetória como perseguidor dos cristãos transformou-se numa história de luta pela conversão dos povos ao Cristianismo. Segundo a Bíblia, Paulo “<sup>22</sup>não era conhecido de vista das igrejas de Cristo na Judéia; <sup>23</sup>mas somente tinham ouvido dizer: aquele que outrora nos perseguia agora prega a fé que antes procurava destruir; <sup>24</sup>e glorificavam a Deus a respeito de mim” (BÍBLIA, Gálatas 1, 22-24).

As pregações de Paulo tinham o mesmo cunho das palavras de Cristo, voltavam-se sempre ao abandono dos prazeres terrenos, cobiçados pela carne e impunham a prática de atos imaculados. “Aos pagãos convertidos impõe-se que se abstenham apenas das carnes sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas (Atos, 15:29)” (ELIADE, 2011, p. 304). Enfatiza-se que nesta pregação ele pretendia não somente inibir dos pecados, mas apresentá-los ao Cristo, Filho de Deus. Tendo em vista que é difícil acreditar naquilo que não se pode ver, ele buscou adaptar a palavra da religião aos meios comunicáveis para os incrédulos, já que propagar um homem crucificado e ressuscitado parecia loucura.

A igreja cristã iniciada a partir da evangelização de Jesus, tem seus princípios fundamentados na religião e tradição judaicas, assim, após o retorno de Cristo aos céus, seus discípulos cumpriram com a tarefa de dar continuidade ao que Jesus havia iniciado. Quando o povo judeu passa a desagradar a Deus, é Jesus quem vem a Terra para trazer seu povo perdido novamente para junto de Javé.

Conforme Dawson, “na tradição de Israel, foi estabelecida uma relação ímpar entre Deus, o homem, a sociedade humana e a história, uma relação que não foi rompida pela deserção de Israel, mas foi continuada e ampliada na igreja cristã e na sua história” (DAWSON, 2014, p. 165). O nascimento da Igreja Cristã é mais do que isso, Jesus não só conduz “as ovelhas” ao pai, mas orienta ao caminho um grupo muito maior que, depois dele, não se

---

<sup>5</sup> Inicialmente chamado Saulo, nasceu em Tarso na Cilícia. Saulo era judeu, pertencente a outros grupos israelitas, os chamados de judeus da dispersão. Segundo a Bíblia, “[...] Eu mesmo sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim” (Romanos 11:1).

restringe somente a Israel, mas a todos os povos. Esta “missão” que Jesus recebe do pai, é cumprida por ele e desenvolvida por aqueles que vieram posteriormente a ele.

### **3 CRISTIANISMO: A CONSOLIDAÇÃO DE UMA CULTURA RELIGIOSA**

Por ter se tornado um conceito múltiplo o termo cultura é atribuído a diferentes aspectos da vivência humana. Para Lévi-Strauss (1980), a cultura acontece a partir do contato entre diversos grupos humanos, assim: “duas culturas elaboradas por homens pertencentes a uma mesma raça<sup>6</sup> podem diferir tanto ou mais do que duas culturas provenientes de grupos racialmente afastados” (1980, p. 1). Partindo dessa premissa do antropólogo francês, entendemos que a cultura religiosa cristã, que nasce do judaísmo, recebe de Jesus as primeiras alterações e, a partir de então, transforma-se numa prática religiosa diferente.

Trazendo este conceito para o sentido religioso cristão, tem-se assim o alicerce do Cristianismo: o seu surgimento, desenvolvimento e consolidação como religião ocidental a partir das alterações do judaísmo realizadas pelas palavras e ações de Cristo. Por essa razão, o impulso de expansão do Cristianismo foi a oralidade, a transmissão da palavra de Jesus realizada por seus discípulos. Por meio das evangelizações pessoas foram se convertendo e formando novos grupos com uma visão de mundo e hábitos comuns pautados na vivência e nas palavras de Jesus, assim se formou uma identidade cultural fundamentada na religião.

Ao estabelecer os primeiros apóstolos, Jesus formou o primeiro conjunto de pessoas que futuramente se tornariam os pilares de sua igreja e que com base neles os novos fiéis buscariam dar continuidade a jornada de fé por meio da entidade religiosa e instituindo chefes para comandar tal tarefa. “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja...” (BÍBLIA, Mateus 16:18). Deste modo, como ocorria nas demais religiões, o Cristianismo cria os seus sacerdotes e estes vão tentar espelhar-se em Cristo e transformar os seus comportamentos em um modelo a ser seguido.

A tradição cristã organiza-se por meio de um composto simbólico e um conjunto de ações que visa a imitação dos hábitos divinos e por meio de sua sacralização cria assim um modelo cultural religioso. Desta forma, cultura e religião vão se fundir e consolidar o movimento de conversão cristã numa instituição – a Igreja Católica. “É certo que o reino será

---

<sup>6</sup>A citação foi retirada do texto *Raça e história*, por qual buscamos compreender a importância da diversidade cultural entre os povos da humanidade e os grupos culturais e religiosos que contribuíram para o desenvolvimento do Cristianismo.

“evidente” em primeiro lugar aos crentes, mas toda comunidade cristã pode tornar-se o modelo exemplar de uma vida santificada e, portanto, um estímulo à conversão” (ELIADE, 2011, p. 313).

É a partir deste ponto que ocorre o início da criação de um modelo identitário pautado na crença escatológica<sup>7</sup> anunciada por Jesus. Como afirma Dawson, “a religião é um fenômeno psicológico quase universal e comum a todas as culturas [...] existem certos elementos comuns a todos e que podem ser vistos como essencialmente religiosos, tais como a adoração e a prece, ou também o rito e o sacrifício” (2014, p. 106). Dentro do Cristianismo, a adoração é uma prática comum herdada do judaísmo e que demonstra a força da crença como um aspecto cotidiano, já que adorar, no plano religioso, requer acreditar que existe um poder além do humano (demonstrado pela ressurreição e reafirmado na Trindade Santa) que sustenta uma relação entre o homem e sua doutrina.

A adoção de uma nova religião, em Roma, dá-se por meio da conversão de povos distintos, que será responsável pela unificação e formação de um modelo cultural baseado na religiosidade. Aquilo que antes pertencia somente à esfera religiosa, agora passa a ser um hábito também cultural, pois está presente no cotidiano e faz parte da identidade desse povo e é a partir disso que religião e cultura serão tornadas uma só.

Pela oralidade os primeiros discípulos fundam o Cristianismo e como consequência criam, mesmo que sem intenção, um novo padrão de costumes baseados naquilo que foi ensinado por Cristo.

<sup>1</sup>E sucedeu que, num dia de sábado, passava Jesus pelas searas; e seus discípulos iam colhendo espigas e debulhando-as com as mãos, as comiam. <sup>2</sup>Alguns fariseus, porém, perguntaram; Por que estais fazendo o que não é lícito fazer nos sábados? <sup>3</sup>E Jesus, respondeu-lhes, disse: Nem ao menos tendes lido o que fez Davi quando teve fome, ele e seus companheiros? <sup>4</sup>Como entrou na casa de Deus, tomou os pães da proposição, dos quais não era lícito comer senão só aos sacerdotes, e deles comeu e deu também aos companheiros? <sup>5</sup>também lhes disse: O Filho do homem é o Senhor do sábado (BÍBLIA, Lucas 6:1-5).

Sendo a cultura um conjunto de práticas cotidianas estabelecidas ou não por leis, ela sofre constante transformação. O Cristianismo é também a prática cotidiana de seus adeptos e segue um agrupamento de costumes estabelecidos nos primórdios de sua instituição. Do mesmo modo que para o judaísmo era comum que nada considerado ilegal fosse praticado no sábado, para o Cristianismo a regra é alterada e os costumes se transformam, o que antes era uma prática intolerável agora praticada em nome de um “bem” deixa de ser ilegal, a partir do momento em

---

<sup>7</sup> Que faz referência à escatologia; que está relacionado com a doutrina das coisas que podem acontecer no final dos tempos.



que Jesus a faz, por exemplo, quando permitiu que seus discípulos colhessem alimentos e os comessem, mesmo não sendo permitida tal prática num dia de sábado.

Portanto, os elementos religiosos que compõem a cultura são diversos, tais como o batismo, a eucaristia, o matrimônio e o jejum. Utilizamos como exemplo o casamento. Este se transforma num filtro religioso que objetiva a sacralização do ato sexual, antes visto como prostituição se tomado antes do casamento, assim sendo, para a pessoa religiosa, o casamento torna-se uma prática essencial para viver fora do pecado ou externo ao mundo profano.

Weber (2015) vê o casamento não só como uma legalização do ato para a religião, mas como uma passagem que “abrange uma grande quantidade de formas intermediárias. Concepções do matrimônio como um contrato econômico para dar segurança à esposa e herança legal aos filhos...” (WEBER, 2015, p. 70). As práticas religiosas passam a ganhar outro contexto que agora não se expressa somente na cultura, mas que está ligada ao Estado e assim exercem uma função econômica e de poder: daí a distinção do casamento religioso (permissão divina) e o casamento civil (permissão humana).

A religião, enquanto fenômeno cultural, pressupõe um modelo de crença que permeia as civilizações: a dualidade entre bem e mal, assim designa culturalmente aquilo que considera bom e condena o que é visto como mau. Aqui, faz-se um retorno a prática matrimonial (visto que é a união entre homem e mulher e que após sua consumação ambos pertencem um ao outro) que por ser abençoada por Deus é tida como benigna e moralmente correta. Contudo, mesmo após o casamento tanto o homem quanto a mulher podem retornar ao seu “instinto” e realizar o ato carnal com outro/outra parceiro/parceira e é nesse momento que se percebe o julgamento moral negativo a respeito desta ação, ou seja, o adultério é o mal existente nessa relação.

Essa mesma relação maniqueísta<sup>8</sup> foi a justificativa utilizada nos extermínios e escravizações de indígenas e africanos nas Américas (SANT’ANA, 2005)<sup>9</sup>, segundo a crença de que essas raças (esse termo também é produto da modernidade e do ocidente cristão) eram pagãs, não-cristãs. Pior ainda para os escravizados africanos que eram considerados desalmados (sem alma), sem o direito à conversão em cristãos-novos.

E estes hipócritas são todos aqueles que propuseram a iníqua equação aceita na época: cristianismo=civilização e paganismo=selvageria. Esta desonesta conjugação gerou dramáticas consequências coloniais e racistas, provocando saques às propriedades,

---

<sup>8</sup> Que divide o mundo entre o bem (Deus) e o mal (Diabo).

<sup>9</sup> O racismo, como ideologia elaborada, é fruto da ciência europeia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. A ideologia racista se manifesta a partir do tráfico escravo, mas adquire o status de teoria após a revolução industrial europeia (SANT’ANA, 2005, p. 42).

estupros, assassinatos em massa, muita dor e sofrimento em milhões de pessoas nas Américas, na Ásia e, principalmente, na África (SANTA´ANA, 2005, p. 42).

Contudo, a religiosidade não só introduz a dualidade como também vai utilizar dessa dualidade para orientar a humanidade ao “caminho” que ela deve traçar para obter a salvação eterna. Mas como essa construção da dualidade interfere na cultura das civilizações humanas? Ora, se a humanidade é composta de pecadores e o pecado é aquilo que não é bom, então, a religião tende a direcionar os homens a buscarem o bem, ou seja, a beatitude, e isto equivale a impor regras que o conduzam de volta a benevolência. Essas regras foram entregues por Deus para Moisés e depois sintetizadas por Jesus no Novo Testamento<sup>10</sup>, elas são a base da doutrina judaica e por conseguinte também da doutrina cristã.

Contudo, existe no Antigo Testamento do livro sagrado cristão uma passagem que diz “<sup>32</sup>olhai, pois, que façais como vos ordenou o Senhor vosso Deus; não desviareis nem para a direita nem para a esquerda. <sup>33</sup>Andareis em todo o caminho que vos ordenou o Senhor vosso Deus...” (BÍBLIA, Deuteronômio 5:32-33) Isto aplica-se as condutas cristãs quando tratam da obediência. A tradição religiosa impõe aos homens que se mantenham obedientes às ordens de Deus para que possam alcançar a vida de plenitude em seu reino. Assim, do mesmo que o Jesus obedeceu a Deus, os homens como suas criaturas devem-no respeitar e seguir suas leis.

E aqui temos um dos grandes perigos da maneira como o Cristianismo se espalhou pelos quatro cantos do mundo: pela obediência e dominação. Voltar-se às ordens de Deus representa um risco de fracasso e condenação da vida terrena. Estratégias ideológicas de poder (WEBER, 2015) que foram muito bem apropriadas pelo poder político e econômico do Estado moderno.

A religião cristã tomará como base os mandamentos judaicos, colocados no Antigo Testamento de seu livro sagrado, que prescrevem tudo o que os homens devem ou não fazer. “<sup>18</sup>[...] Não matarás; não adulterarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; <sup>19</sup>honra a teu pai e tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (BÍBLIA, Mateus 19:18-19). Assim exercendo qualquer ação contrária, o homem estará fora dos caminhos da salvação designados por Jesus. Segundo Eliade, “[...] o mal é engendrado pela desobediência dos homens...” (2011, p.236) isto é, o mal é o desvio de conduta humana que tende a efetuação de atitudes perniciosas.

---

<sup>10</sup> “<sup>37</sup>Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. <sup>38</sup>Este é o grande e primeiro mandamento. <sup>39</sup>E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. <sup>40</sup>Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (BÍBLIA, Mateus 22:37-40).

## 4 OS SACRAMENTOS E SUA LIGAÇÃO COM O IMAGINÁRIO

A religião cristã passou por vários processos de transformação desde seu início com as novas interpretações do judaísmo, feitas por Jesus, a difusão dessa nova interpretação pregada pelos apóstolos após o Pentecostes e seu alinhamento a cultura como elementos presentes no cotidiano. Contudo, estas adaptações tiveram grande influência da utilização simbólica como elemento eficiente de conservação da religiosidade, e tais símbolos preservam, até hoje, o sentido de uma identificação cristã, nos parâmetros do catolicismo.

Deste modo, segundo Eliade (2018) “um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral e não apenas à sua inteligência.” (p. 109)

“O símbolo é importante na vida humana, pois emana imaginação, aguça o sentimento imaginativo, libera o que está preso no inconsciente e leva a ações que geralmente não são as mais plausíveis ou palpáveis, mas também não estão erradas” (ARAÚJO, 2021, p. 06). Dentre os vários símbolos adotados pelo cristianismo, especificamente pelo catolicismo, serão apontados aqui apenas alguns, referentes aos sacramentos, responsáveis pelo processo de iniciação à vida cristã: a água e a vela (batismo); e os que representam a continuidade da aliança com Deus por meio da comunhão: o vinho (sangue) e o pão (corpo) que remetem à eucaristia.

Os sacramentos tornam-se assim, fundamentais para o cristão católico, pois é a partir destes que os indivíduos iniciam sua caminhada de fé, são eles os responsáveis por aproximar o indivíduo de Cristo, bem como, também o atribuem à graça de participar do povo de Deus, cumprindo com as obrigações que o cristão obtém ao adentrar na igreja. Pode-se, dessa maneira, observar que os sacramentos exercem o papel de canalizadores da fé e a Igreja enquanto instituição não pode deixar de ser vista como a principal orientadora dos cristãos no caminho da fé.

Nessa seção, os símbolos dos sacramentos serão analisados a partir do significado e função que possuem na religiosidade Cristã Católica auxiliando e estabelecendo uma conexão entre os fiéis e a divindade. O primeiro símbolo a ser analisado é a água, que possui a importante função de purificar os fiéis e é a partir da água do batismo que o indivíduo se torna cristão. Em seguida, serão analisados o pão e vinho, símbolos que cumprem a finalidade de selar a aliança de Deus com os homens pelo sacrifício de seu filho Jesus Cristo.

Esses sacramentos (batismo e eucaristia), após a vinda de Jesus e difusão do Cristianismo, vão ganhar novos significados na esfera religiosa e também vão penetrar o

imaginário humano pela instituição Igreja. Ao analisar o ritual de purificação (batismo) e de aliança (eucaristia) através de uma lente simbólica é notório perceber a significação que possuem além da limpeza e da continuidade na vida religiosa. Eles se estabelecem como meio de defesa dos cristãos contra aquilo que os aflige e que está longe de ser uma inquietação palpável, isto é, o pecado e medo do castigo eterno.

#### 4.1 Água (Batismo)

Primeiramente, faz-se imprescindível entender qual a função que o batismo possui para a igreja e porque o principal símbolo utilizado nesse ritual é a água. Segundo, Araújo (2021):

O Santo Batismo é denominado com base no rito central pelo qual é realizado: batizar ("baptízein", em grego) significa "mergulhar", "emergir"; o "mergulho" na água simboliza o sepultamento do catecúmeno na morte de Cristo, da qual com Ele ressuscita como "nova criatura" (2 Cor 5,17; Gl 6,15). Este banho é chamado de iluminação, porque aqueles que recebem este ensinamento catequético tem o espírito iluminado. Depois de receber o batismo, o Verbo, "a luz verdadeira que ilumina todo homem" (Jo. 1,9), o batizado, "após ter sido iluminado", se converte em "filho da luz" e em "luz" ele mesmo (Ef. 5,8).

A água é o elemento principal do ritual de batismo. Ela remete ao conceito de limpeza e é uma de suas utilizações mais comuns. No cristianismo, essa limpeza está atrelada a purificação, isto é, a remoção dos pecados e transgressões acometidos pelo corpo e que por consequência eximem a pureza da alma. O ritual batismal se utiliza da água como símbolo responsável por limpar o homem de seus pecados e transformá-lo em um novo ser. <sup>13</sup>“Então veio Jesus da Galiléia ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por ele” (BÍBLIA, Mateus 3:13).

É notável, no entanto, como a água se faz presente em um momento tão importante para Jesus, pois é no rio Jordão que ele é batizado, é no rio que ele emerge e retorna, e ao regressar a superfície é mostrado por Deus aos homens como seu Filho<sup>11</sup>. Assim, a água ganha significado, pois por meio dela Jesus foi apresentado aos homens como Filho de Deus. Esse batismo de Cristo simboliza no sacramento da Igreja Católica dois movimentos que vão demarcar culturalmente a vida cristã: 1 – a importância da ligação do homem com Deus, convertendo-se ao Cristianismo; e 2 – a importância de que isso seja realizado o mais breve possível, o batismo na infância.

---

<sup>11</sup> <sup>16</sup>“Batizado que foi Jesus, saiu logo da água; e eis que lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele; <sup>17</sup>e eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

No momento do batismo, o indivíduo é submerso e limpo de seus pecados. “O ‘velho homem’ morre pela imersão na água e dá origem a um novo ser, regenerado.” (ELIADE, 1991, p. 154). Consequentemente, a partir da compreensão do simbolismo de imersão na água é possível entender a importância que o batismo tem enquanto ritual de iniciação na vida cristã. Jesus Cristo veio e se fez carne tal qual a humanidade para buscar os homens e levá-los ao caminho do Pai, mas para que o fato ocorra é necessário que a humanidade o aceite e essa aceitação inicia-se a partir da purificação feita pelo batismo.

“O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um ‘novo nascimento’; por outro lado, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida” (ELIADE, 2018, p. 110). A água, enquanto símbolo cristão, remete tanto à morte quanto ao renascimento, pois implica que somente após a “limpeza” concedida pelo batismo que o homem é purificado e limpo de seus pecados e dá espaço para um novo homem, regenerado a partir daquele momento.

Após a regeneração efetuada pelo batismo, o homem torna-se um ser iluminado pela luz do Espírito Santo. Essa iluminação divina está simbolizada pela vela utilizada durante a ritualização batismal, dentre as funções representativas que a vela possui além de simbolizar o Espírito Santo, ela também é um elemento de combate, é com a luz divina que Cristo combate as trevas e o mal. Segundo Araújo (2021), o antropólogo francês Gilbert Durand classifica a vela como “símbolo espetacular, pois sua função está intrinsecamente ligada ao combate das trevas que são classificadas como símbolo nictomórfico” (p. 13) nesse sentido, as trevas representam o pecado dos homens que os submete a uma vida sombria.

## **4.2 Pão e Vinho (Eucaristia)**

Para compreender como a eucaristia institui-se com sacramento essencial na vida cristã, faz-se necessário entender que ela é a ressignificação da aliança feita por Deus com os homens. Da mesma forma que o Cristianismo foi criado, tomando como base os princípios judaicos, a eucaristia terá base no rito pascal, quando Jesus vai celebrar a Páscoa em companhia de seus discípulos. Segundo, Barros (2007):

A Eucaristia vista como realização profética da antiga festa israelita, tem uma carga de significado; ela remete o crente de hoje a um passado, pois o próprio Jesus se encarrega de manter vivas as duas alianças. Enquanto Israel celebra sua Páscoa, Jesus institui o que tornará viva a sua Páscoa – a Eucaristia (BARROS, 2007, p. 22)

A eucaristia, a partir de então, passa a cumprir o papel de “ponte”, pois ela se torna o elemento responsável por aproximar os cristãos de Deus a partir da partilha do pão e vinho que passam a simbolizar o corpo e sangue de Jesus Cristo, aquele que veio ao mundo para salvar a humanidade. A função da eucaristia empreende o ápice de tornar-se cristão, isto é, remete a fazer-se presente à mesa e partilhar junto à comunidade o corpo e sangue dados em sacrifício.

Sob a forma de aliança, o ato sacramental ganha também o sentido de comensalidade<sup>12</sup> entre os cristãos que a partir da Eucaristia instituem sua aliança com Deus. Ora, se Jesus se denomina fonte de vida, “Eu sou pão da vida” (BÍBLIA, João 6:48), consumir o pão que simboliza seu corpo é receber dele o dom para alcançar a vida eterna, da qual ele mesmo vos convida para fazer parte.

Analisando o significado que o sacramento eucarístico possui, para o catolicismo, surge a seguinte reflexão: qual motivo que fez com que Jesus escolhesse pão e vinho, dentre tantos outros alimentos, para torná-los símbolos de sua aliança? Existe aí um significado “histórico” que responde à pergunta. O primeiro testamento não faz menção ao vinho, contudo este vai se tornar importante a partir da significação atribuída a ele por Jesus.

Não é difícil entender porque Ele escolheu o vinho para simbolizar seu sangue. De acordo com Barros (2007), “o pão e o vinho em particular, sempre foram a comida e a bebida mais comum para muitos povos. E Cristo, ao instituir a Eucaristia se serve destes dois alimentos comuns para sinalizar sua presença constante no meio dos seus seguidores” (p. 50). Portanto, vendo que pão e vinho se encontravam com mais facilidade à mesa do povo, Jesus

“[...] <sup>26</sup>tomou o pão, e abençoando-o, o partiu e deu aos discípulos dizendo: tomai, comei; isto é o meu corpo. <sup>27</sup>E tomando o cálice, rendeu graças e deu-lhes, dizendo bebei dele todos; <sup>28</sup>pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para a remissão dos pecados” (BÍBLIA, Mateus 26:26-28).

Após esse momento, esses dois alimentos passam a ter novos significados, pois Cristo realiza neles a transubstanciação<sup>13</sup> que é quando a ingestão vai equivaler a está na presença do Pai pelo sacrifício realizado pelo Filho. Esses elementos, ao serem “transformados” em corpo e sangue passam também a penetrar no imaginário cristão adquirindo força simbólica e extremamente significativa, o vinho tornou-se a partir de então uma bebida sagrada vinculada

---

<sup>12</sup>Partilha de alimento entre um grupo de indivíduos que comungam na mesma mesa. No sentido Cristão essa partilha vai se fortalecer partindo da premissa de que o alimento é fonte de vida, logo a eucaristia é a origem e berço da aliança cristã.

<sup>13</sup> O termo transubstanciação surge para explicar a transformação do próprio pão e vinho em Corpo e Sangue de Cristo. Assim, após a consagração esses alimentos são transformados na presença de Cristo justo a comunidade, isto é, ele se faz presente na Igreja.

ao sentido de renovação, que Durand (2019) caracteriza como símbolo cíclico, pois “o símbolo da bebida sagrada está carregado de significações múltiplas, uma vez que está ligado aos esquemas cíclicos de renovação” (p. 260). Quando o Cristão o consome, no rito eucarístico, não é o vinho que ele está bebendo, mas sim o sangue de Jesus derramado na cruz para a remissão dos pecados. Assim, nesse ritual, ele não está sendo purificado como no batismo, está renovando seus “votos” ou, como consta na Bíblia, está renovando sua aliança com Deus. Durand (2019) ainda destaca que “o vinho é símbolo da vida escondida, da juventude triunfante e secreta. É por isso, e pela cor vermelha, uma reabilitação tecnológica do sangue” (p. 261).

### 4.3 Os símbolos e a dominação

Contudo é necessário ter em mente que a purificação trazida pelo batismo remete a limpar o homem e essa limpeza nada mais é (num contexto simbólico) um meio de afastar os indivíduos dos males que o induzem ao pecado, tais males estão associados a imagem de um ser maligno (monstro, símbolo teriomórfico<sup>14</sup>) que habita um lugar temeroso (as trevas, símbolo nictomórfico<sup>15</sup>). É, portanto, através da utilização de símbolos que a Igreja Católica integra o sagrado as imagens do cotidiano para aproximar seus fiéis dos ensinamentos de Cristo.

Esse uso simbólico torna a vida sagrada mais palpável e mais próxima do homem, já que os elementos utilizados nos sacramentos (água, vela, pão e vinho) podem ser facilmente vistos no dia a dia dos Cristãos.

Desta forma, ao atribuir aos elementos simples uma função “excepcional” a Igreja adquire um papel central dentro da sociedade, transformando-se na ferramenta essencial para a difusão e continuidade da religiosidade e da crença, pois os sacramentos instituídos por Jesus não podem ser realizados fora da igreja ou por qualquer pessoa.

A igreja exerce um poder a partir do exercício da dominação carismática, classificada por Weber (2015) como uma dominação a “qual se subordinam os governados em virtude de sua fé na qualidade excepcional da *pessoa* específica” (p. 40) ou no caso da instituição religiosa, especificamente o catolicismo, tal poder será demonstrado a partir da posse legal/legítima da palavra e dos elementos e símbolos sacramentais que constituem os ritos e aproximam os cristãos da divindade.

---

<sup>14</sup> Que tem forma animalesca.

<sup>15</sup> Remete a escuridão, às trevas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscou-se demonstrar que o Cristianismo “nasce” a partir do dia de Pentecostes quando os discípulos recebem o dom de falar em outras línguas para, desta forma, poder pregar os ensinamentos de Jesus, mas já havia sido gerado durante a passagem de Cristo quando ele inicia suas pregações com intuito de apresentar às pessoas o reino de Deus, que antes limitava-se apenas a Israel.

Após sua passagem, o Cristianismo começa a se expandir por meio dos discípulos até tornar-se uma religião com bases sólidas e presente em vários lugares do território. Com sua consolidação ele passa a integrar o cotidiano de vários povos tornando-se parte do modo de vida das pessoas caracterizando uma nova cultura ditada pelos preceitos religiosos. Após sua difusão, os grupos cristãos estabelecidos no território romano passam a se configurar como instituições que seguem um padrão ritualístico inspirado na passagem de Jesus e no que ele fez durante o período em que esteve na terra. As pessoas se unem num determinado lugar para ouvir os ensinamentos deixados por ele, se batizam e congregam pão e vinho e etc. como num ritual.

Deste modo, as igrejas vão se firmando a partir da organização de práticas e ensinamentos deixados por Jesus e pelos discípulos que tem por objetivo conduzir às pessoas a buscarem a plenitude da vida pela crença e utilizam-se de símbolos e imagens para aproximar estes grupos de fiéis da divindade.

A presente pesquisa nos mostrou como os símbolos cristãos, a partir de imagens recorrentes do sacramento do batismo, são elementos importantes para a concretização e consagração das práticas ritualísticas da igreja católica por mais de 2.000 anos. O Batismo, dentro da ordem dos sacramentos cristãos faz-se essencial, pois é através dele que as pessoas adentram na vida religiosa (após serem purificadas pela água e iluminadas pela vela) e este se faz tão fervoroso que os cristãos católicos optam por batizar seus descendentes ainda na infância de modo que as crianças sigam a doutrina e a fé cristã.



## REFERÊNCIAS

ARÁUJO, Cleiane Silva. **Análise dos símbolos do Batismo à luz da teoria do imaginário de Gilbert Durand**. São Bernardo/MA: UFMA, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade artigo científico.

BARROS, Solange Pereira. **Eucaristia e Poder Sacerdotal**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, 2007.

BÍBLIA, N. T. João. In Bíblia. Português. **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo. Editora Escala Ltda.

DAWSON, Christopher. **A Formação da Cristandade das Origens na Tradição Judaico-cristã à Ascensão e Queda da Unidade Medieval**. Tradução: Márcia Xavier de Brito. Editora: É Realizações. São Paulo. 2014.

\_\_\_\_\_. **O Julgamento das Nações**. Tradução: Márcia Paiva Xavier de Brito. Editora É Realizações. São Paulo. 2018.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas \* II: de Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo**. Tradução: Roberto Cortes de Lacerda. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2011.

\_\_\_\_\_. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. Tradução: Rogério Fernandes. 4ª Edição. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo. 2018.

\_\_\_\_\_. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. Tradução: Sônia Cristina Tamer. Editora Martins Fontes. São Paulo. 1991.

\_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. 8ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. In: Coleção Os Pensadores. Lévi-Strauss. São Paulo: Ed. Victor Civita, 1980.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando do racismo na escola**. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. Tradução: Cláudio J. A. Rodrigues. 2ª Edição. Editora Ícone. São Paulo. 2015.